



**ICPD – Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento**  
**CESAPE – Centro de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão**  
**Pós-graduação em Língua Portuguesa – Revisão de texto: gramática, linguagem e**  
**a construção/reconstrução do significado**

**MARIA EDUARDA DE ANDRADE COSTA**

**A INTELIGIBILIDADE TEXTUAL NAS CONSTRUÇÕES INTERCALADAS DO**  
**DISCURSO JORNALÍSTICO: COM OU SEM VÍRGULAS?**

**BRASÍLIA - DF**  
**2016**

**MARIA EDUARDA DE ANDRADE COSTA**

**A INTELIGIBILIDADE TEXTUAL NAS CONSTRUÇÕES INTERCALADAS DO  
DISCURSO JORNALÍSTICO: COM OU SEM VÍRGULAS?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como requisito para obtenção da certificação do curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa – Revisão de texto: gramática, linguagem e a construção/reconstrução do significado.

**Professor (a) orientador (a):** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.  
Edineide dos Santos Silva

**BRASÍLIA - DF  
2016**

**MARIA EDUARDA DE ANDRADE COSTA**

**A INTELIGIBILIDADE TEXTUAL NAS CONSTRUÇÕES INTERCALADAS DO DISCURSO JORNALÍSTICO: COM OU SEM VÍRGULAS?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como requisito para obtenção da certificação do curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa – Revisão de texto: gramática, linguagem e a construção/reconstrução do significado.

**Brasília, 30 de Junho de 2016**

**BANCA EXAMINADORA**

**EDINEIDE DOS SANTOS SILVA**

---

**PROF<sup>A</sup>. DR<sup>A</sup>. ORIENTADORA**

---

**PROF<sup>A</sup>. DR<sup>A</sup>. EXAMINADORA - LINGUÍSTICA**

---

**PROF. DR. EXAMINADOR – METODOLOGIA CIENTÍFICA**

## **DEDICATÓRIA**

" A felicidade aparece para aqueles que choram.  
Para aqueles que se machucam  
Para aqueles que buscam e tentam sempre.  
E para aqueles que reconhecem a importância das pessoas  
que passaram por suas vidas". (Clarice Lispector)  
Dedico este trabalho a Deus e a minha família.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Cristo Jesus, meu Senhor, que a mim sempre foi fiel, estando ao meu lado a cada passo que dou em minha jornada.

Agradeço ao um noivo, Ricardo Coutinho, por todas as palavras de incentivo, por toda vibração a cada etapa desta pesquisa concluída. Agradeço-lhe por ser amigo, por ser paz, por ser conforto, por ser amor.

Agradeço as minhas amigas Talita Cavalcante e Lidyane Lima, que também cursaram esta pós-graduação comigo. Obrigada por cada troca de conhecimento, da minha parte com a linguística e vocês com as experiências da área jornalística. Eu já tinha um afeto por essa área, após nosso convívio e muitos trabalhos juntas esse sentimento só aumentou.

Sou imensamente grata a minha orientadora, Professora e Doutora Edineide dos Santos Silva, por todo seu conhecimento e dedicação dispensados nesta pesquisa; agradeço-lhe por compreender as dificuldades que tive e por motivar-me a não desistir, mas, sim, prosseguir até a conclusão de mais uma etapa das muitas que ainda quero percorrer na área acadêmica.

Por fim, agradeço aos meus professores do curso de Revisão de Texto, do UniCEUB. Cada um teve enorme importância na minha aprendizagem acerca do universo que é a revisão de texto. Recebam meu muito obrigada.

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é identificar, descrever e analisar termos intercalados presentes no discurso jornalístico, como também verificar e analisar o uso dessas construções como causa de inteligibilidade textual, quanto à ausência e à presença das vírgulas, mas, também, quanto aos efeitos discursivos das intercalações e, por fim, ressaltar o papel do Revisor de Texto diante da problemática. Os dados foram coletados a partir de leituras diárias sobre notícias, reportagens e matérias jornalísticas, disponíveis nos meios *online* e impresso, de diversos jornais brasileiros; enquanto a análise foi por meio da metodologia descritiva, interpretativa e de caráter qualitativo. O resultado das análises revela que o uso de construções intercaladas está presente nas matérias jornalísticas que, por trazerem informações complementares à mensagem, são totalmente necessárias ao sentido e significado que o redator quer conferir ao texto. Nos dados analisados, as intercalações se manifestaram por termos de natureza sintática diversa, o que justifica a nomenclatura – construções intercaladas – adotada nesta pesquisa. Os resultados também mostraram que, embora analisar termos intercalados e pontuação se restrinja a aspectos gramaticais, não se pode desconsiderar a subjetividade dos textos jornalísticos, pois, em se tratando desse gênero textual, a escolha por determinada pontuação não se baseia somente em instruções de manuais normativos, mas também está ligada a questões estilísticas de cada produtor, e o Revisor tem o papel fundamental de proporcionar ao texto uma progressividade, prezando pela adequação ao contexto em que o produto está inserido.

**Palavra-Chave:** Pontuação. Construções intercaladas. Gênero jornalístico. Revisão de texto.

## ABSTRACT

The objective of this research is to identify, describe and analyze the interspersed terms in the journalistic speech, as well as to verify and analyze the usage of these structures as a cause of textual intelligibility, as for the absence and the presence of commas, but, also, as for the discursive effects of these interspersed structures and, finally, to emphasize the role of a Text Reviewer on this issue. The data was collected from daily readings of informative news, reports and news stories available in online and printed media, from several Brazilian newspapers; while the analysis was done by descriptive, interpretive and qualitative methodology. The result of the analysis reveals that the usage of interspersed structures is present in journalistic texts which, by bringing additional information to the message, are totally necessary to the sense and to the meaning that the writer wants to give to the text. In the analyzed data, the intercalations present themselves through terms of different syntactic kinds, which explains the nomenclature – interspersed constructions – adopted in this research. The results also showed that, while the analysis of interspersed words and punctuation is restricted to

the grammatical aspects, one cannot ignore the subjectivity of journalistic texts because, for this textual genre, the choice of certain punctuations rules is based not only on normative grammar rules, but it is also linked to stylistic aspects of each writer, and the reviewer has the crucial role of providing the text with progressiveness, valuing the adequacy of the context in which the product is inserted.

**Key- Words:** Punctuation. Interspersed constructions. Journalistic text. Text review.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>11</b>
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE A PONTUAÇÃO .....	11
2.2 PONTUAÇÃO E O ENTENDIMENTO DO TEXTO SOB PERSPECTIVAS NORMATIVAS .....	14
2.3 A VÍRGULA NAS CONSTRUÇÕES INTERCALADAS .....	20
2.4 GÊNEROS TEXTUAIS – A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO .....	24
2.4.1 GÊNERO JORNALÍSTICO.....	27
2.5 PAPEL DO REVISOR DE TEXTO COMO AGENTE TRANSFORMADOR.....	29
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>32</b>
3.1 CARÁTER DA PESQUISA .....	32
3.2 MEIOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	32
<b>4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>34</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>61</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo identificar, descrever e analisar termos intercalados presentes no discurso jornalístico, bem como verificar e analisar o emprego das vírgulas, no uso dessas construções, como causa de inteligibilidade textual. E, por fim, ressaltar o papel do revisor diante dessa problemática. Partindo dessa observação, esta investigação pretende de maneira mais específica: a) contextualizar historicamente o uso de pontuação; b) discorrer sobre a pontuação e o entendimento do texto desde o ponto de vista normativo; c) apresentar e caracterizar gênero textual, em especial o jornalístico; e) situar o papel do Revisor de Textos dentro do cenário apresentado; f) propor intervenções e texto revisado, quando necessário, para o *corpus* utilizado.

Com o advento da cultura eletrônica, nota-se que a disseminação de informações feita pelos meios de comunicação de massa, entre eles revistas e jornais, dá-se de forma abrangente pela internet, sendo assim mais acessível ao público leitor desse conteúdo. Logo, o contexto desta pesquisa é o canal de comunicação *online*, denominado de *web jornalismo*, pois, atualmente, percebe-se que esse meio facilita a interação pública. Porém, não menos importante, o meio impresso também será abordado nesta pesquisa, a fim de ressaltar a importância do papel do revisor em ambos os campos de atuação.

O estudo de gênero textual apresenta uma grande relevância social. Segundo Bakhtin (1979), citado por Marcuschi (2003), o gênero é um enunciado com natureza sócio-interacional e a circulação desse produto na sociedade mostra como ela se organiza em todos os seus aspectos. Diante disso, a relevância científico-social deste trabalho é apresentar o papel do Revisor de Texto diante das particularidades do

gênero textual jornalístico, com vistas à adequação ao contexto em que estes estão inseridos e difundidos, preservando a boa compreensão dos sentidos do texto. Essa pesquisa traz subsídios não só para a atuação profissional de jornalistas e revisores, mas também para todos os leitores socialmente afetados por essas construções textuais.

Dessa forma, faz-se necessário formular as seguintes perguntas de pesquisa: é possível que os meios de comunicação, impresso ou *online*, adotem um estilo discursivo diferente aos padrões estabelecidos pela gramática tradicional?; numa análise micro linguística, como agir diante de desvios linguísticos encontrados nas matérias jornalísticas?; a prática de linguagem desenvolvida em textos jornalísticos configura uma apropriação ao gênero textual e ao seu contexto de uso? A fim de tornar o texto compreensível, qual o papel do Revisor como agente transformador?

Centrada na metodologia descritiva, interpretativa e de caráter qualitativo, esta pesquisa apresenta coleta de dados retirados dos seguintes jornais: *O Diário de Notícias de Iporá*, *O Globo*, *Estadão*, no meio *online*, *Correio Braziliense* e *Folha de S. Paulo*, nos meios *online* e impresso, no período de maio de 2015 a maio de 2016.

Para responder as perguntas desta pesquisa e chegar aos seus objetivos, organizou-se a presente redação em duas partes. A primeira trata do Referencial Teórico, construído a partir dos pressupostos teóricos de Rocha, I. (1997), Luft (2004), Bechara (2009), Houaiss (2009), Neves (2011), Cunha & Cintra (2013) acerca da pontuação e do entendimento do texto, sob duas perspectivas: de forma mais ampla, faz-se um breve relato histórico sobre a pontuação; de forma mais específica, engloba aspectos normativos, prosódicos e discursivos, relacionados ao ato de pontuar um texto

e, além do uso de construções intercaladas. Posteriormente, com base nos preceitos de Marcuschi (2003), (2008) e Koch (2003), apresentam-se as teorias referentes aos gêneros textuais e, como objeto desta pesquisa, inclui-se a descrição do gênero jornalístico. E, por fim, o papel do Revisor, como agente transformador do discurso, será fundamentado pelos aportes teóricos de Rocha, H. (2012), entre outros autores de dissertações de mestrado e de artigos científicos.

A segunda parte é composta pela metodologia da pesquisa, em que se descrevem o caráter e os sujeitos da pesquisa; como também pelos procedimentos metodológicos para sua concretização e justificativa para escolha do tema. Em seguida, faz-se a Descrição e Análise dos Dados coletados, estabelecendo as relações e correlações existentes entre eles. Por fim, tem-se as Considerações Finais, especificando os resultados obtidos e, ao mesmo tempo, faz-se referência e retomadas que corroborem com os teóricos utilizados no capítulo dois.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Contextualização histórica sobre a pontuação

A maneira de pontuar um texto varia de uma época para outra, assim como entre escritores de um mesmo momento histórico. A pontuação foi uma lenta conquista e buscar sua origem implica conhecer brevemente o caminho percorrido pela escrita, desde a era Clássica até os tempos Modernos.

A invenção da escrita foi um marco importantíssimo na história da humanidade e, em algumas sociedades, trouxe uma nova forma de comunicação. Diante disso, do ponto de vista cronológico, a escrita é uma expressão secundária da linguagem humana, pois apenas se escreve há cerca de 3000 anos, enquanto a fala existe há milhões de anos.

A palavra pontuação tem sua etimologia francesa, *punctuation*, que significa ato ou efeito de pontuar um texto (HOUAISS, 2009). Por sua vez, remota aos textos sagrados, os quais eram elaborados para serem recitados oralmente, a fim de considerar os indicadores para respirar na leitura em voz alta, conforme relata Rocha, I. (1997).

Na Antiguidade Clássica, a pontuação era "preferentemente subordinada ao perfil melódico da cadeia falada e às pausas respiratórias mais nítidas" (HOUAISS, 2009). Dava-se destaque para a pontuação como forma de pausa para respirar. Já na Idade Média, partindo desse conceito da Clássica, a pontuação era empregada "num sentido progressivamente lógico-gramatical" (HOUAISS, 2009 apud ROCHA, I. 1997). Começava-se a surgir ideias de que a utilização da vírgula iria além de uma

fragmentação aleatória. Seguindo a cronologia, na Era Medieval e no Renascimento, a pontuação ganha um estado de equilíbrio, passa a ser difundida em duas ramificações: a do ritmo respiratório e a lógico-gramatical – duas questões que perduram até hoje.

Por outro lado, a partir dos séculos XVII e XVIII, na Idade Moderna, a orientação gramatical passa a predominar sobre o aspecto pausal da fala, embora este ainda vigorasse na época. Nesse período, surgia a ideia de que a pontuação tinha um papel lógico a exercer.

Essas considerações se aplicam aos signos usuais (vírgula, ponto-e-vírgula, dois-pontos, ponto). Os demais – parênteses e reticências, aspas, alínea, interrogação e exclamação – eram frequentemente tratados à parte.

De acordo com Dahlet (2006), foi sob o efeito da imprensa que a pontuação veio se formalizando e se firmando. Entretanto, esse longo trabalho de racionalização e de regulamento do emprego dos sinais teve seu auge no século XIX, sob duas circunstâncias. Em primeiro lugar, reinava uma certa anarquia no modo como os editores pontuavam os textos dos autores que publicavam, enquanto o setor de difusão editorial e jornalístico se desenvolvia de maneira exponencial. Em segundo lugar, a escola, obrigatória a partir do fim do século XIX (em 1880, na França), começou a formar leitores em massa. Nesse contexto geral, uma maior racionalização da pontuação se tornou urgente e crucial.

Diante disso, gramáticos tiveram que descrever, justificar e regulamentar os usos dos sinais de pontuação.

Segundo Rocha, I. (1997), foi no século XIX que apareceu, pela primeira vez na França, um livro inteiro dedicado à pontuação, o *Traité de ponctuation* de Ricquier em 1873, embora não trouxesse nada de original sobre o assunto, vindo apenas enriquecer a lista de signos existentes.

O estudo dos sinais de pontuação teve dois momentos bastante importantes: um no final dos anos 30 e outro nos anos 70. Dentre esses dois momentos, o mais significativo aconteceu nos anos 70, em 1973, na França, com a intitulada “Mesa redonda internacional sobre a estrutura da ortografia”. Rocha, I. (1997) acrescenta que, assim como os demais signos linguísticos, os sinais de pontuação são constituídos de um significante (o pontuante) e um significado (o pontuado), e a experiência mostra que o mesmo significante (a maiúscula, por exemplo) pode ter vários significados – começo de frase, nome próprio, valorização etc.

Halliday (1989), citado por (Rocha, I. 1998), por sua vez, designa aos signos de pontuação três funções gerais: a primeira delas é marcar limites ou fronteiras, a gramática de cada língua está organizada numa hierarquia de unidades de diferentes tamanhos: frases, orações, sintagmas, palavras e morfemas. A segunda é marcar "status", ou seja, indicar sua função discursiva. Para ele, não é suficiente mostrar que uma frase terminou; também é importante indicar sua função – se é uma declaração, uma interrogação ou outra coisa.

Rocha, I. (1997) ressalta que, do ponto de vista linguístico, durante muito tempo a escrita foi vista como um objeto desprovido de interesse teórico próprio, considerada como um modo de expressão alternativo à fala. Nesse sentido, apenas as

características do texto escrito que tivessem relações óbvias com a fala é que mereceriam ser estudadas.

Embora haja uma tendência atual de pontuar de forma mais gramatical que prosódica, ao comporem um texto, os escritores são particularmente sensíveis ao ritmo. É como se a linguagem escrita atuasse envolvendo uma imagem mental do som e como se fosse possível chegar mesmo a "ouvir" essa voz interior.

Halliday (1989, p. 37) fala em estilos de pontuar um texto, que estão marcados pelas escolhas do redator, que ora pontua pela gramática, ora, pelo ouvido. Para ele é possível ter uma melhor percepção disso nos textos literários e jornalísticos.

Na pontuação contemporânea, há alguns aspectos que devem ser observados, entre eles está a versatilidade do gênero, isto é, um mesmo redator deve ter habilidade de pontuar considerando as características do gênero textual sobre o qual está trabalhando. O autor ainda salienta que a pontuação publicitária tem uma forte influência sobre a escrita atual e está criando novos estilos e fazendo surgir novas referências para essa prática.

## **2.2 Pontuação e o entendimento do texto sob perspectivas normativas**

Um texto escrito, ao ser produzido, deve obedecer a critérios de elaboração, entre os quais estão os aspectos sintáticos – pontuação, regência, concordância, entre outros – e os aspectos discursivos – escolhas do produtor, construção de sentidos, contexto de produção e o gênero textual. Desses, aborda-se inicialmente um: a pontuação como elemento fundamental para a compreensão da mensagem a ser transmitida. Para tratar disso, cabe ressaltar o papel fundamental da vírgula,

principalmente no que tange às construções intercaladas. Evanildo Bechara, em sua participação no livro de Luft (2004, p. 5) intitulado “A vírgula”, diz que “uma frase não é um amontoado desordenado de palavras (...) tudo aí está interligado por força da funcionalidade de seus elementos constitutivos, que ordena o fundamental e o acessório que a gramática procura descrever...” e com isso dá vida à ideia de que a pontuação está para a boa comunicação entre quem elabora o texto e quem o lê.

Primordial no desenvolvimento da comunicação são os sinais de pontuação. Luft (2004) traz sua contribuição sobre o emprego adequado da vírgula. O autor, na tentativa de combater a ideia de que pontuação é problema de ouvido, afirma que essa não obedece a critérios prosódicos, como muito se supõe, mas a critérios gramaticais, isto é, sintáticos. Pois, se assim fosse, haveria uma relação direta entre pontuação e respiração e os usuários ficariam livres para pontuar, sem levar em considerações os aspectos sintáticos.

Na grande maioria, as gramáticas ensinam que cada vírgula corresponde a uma pausa, mas que nem toda pausa corresponde a uma vírgula e esse autor chama atenção para essa concepção e sua influência negativa para o uso da vírgula.

O referido autor define vírgula como um sinal de pontuação que indica a falta ou a interrupção de ligação sintática no interior das frases. Dessa forma, faz uso de vírgulas em: “1- Nas oposições, justaposições, assíndetos (coordenação sem coordenador), vocativos; 2- Na marcação de elementos marginais, intercalados, deslocados; 3- Na marcação de elipse verbal; 4- Para evitar ambiguidades” (LUFT, 2004 pp. 9-10).

Além dos empregos citados, o autor ressalta algumas outras regras básicas para o uso adequado da vírgula. Segundo Luft (2004), toda frase pode apresentar quatro casas:

Casa 1 – sujeito;

Casa 2 – verbo;

Casa 3 – complementos;

Casa 4 - as circunstâncias (tempo, lugar, modo e outras).

A casa 3 é ocupada por elementos necessários ao verbo e ao sujeito: o *estudante* (casa 1) + *comprou* (casa 2) + *livros* (casa 3). Diante disso, o gramático diz que não se deve usar vírgula entre as casas 1,2 e 3. Nem entre 1 e 2, nem entre 3 e 2. A casa 4 compõe-se de elementos não de primeira necessidade à estrutura frasal e, sobretudo em frases longas, pode ser separada por vírgulas. As inversões 2 1 3, 2 3 1 podem ser marcadas por vírgula para evitar truncamento das ideias (LUFT, 2004, pp. 12-13). Entre outras regras de uso da vírgula, o autor enfatiza que o uso exagerado de vírgula é descabido, é tão desastroso quanto separar sujeito do seu verbo e este do seu complemento.

O autor ressalta ainda que os critérios para não usar vírgula entre sujeito e verbo, por exemplo, são arbitrários, criticáveis. O que se precisa, na verdade, é de “intuição estrutural”, isto é, conhecer bem as estruturas sintáticas para evitar a virgulação segundo critérios de pausa. Segundo ele, as regras contidas nas gramáticas são precárias, não abrangem todos os casos e, para se pontuar bem, deve-se conhecer

a frase e sua constituição, conhecer o pensamento e sua expressão, conhecer as sequências e as interdependências (LUFT, 2004, pp. 8, 17).

A princípio, pode parecer que a vírgula é algo supérfluo, desnecessário em alguns casos. No entanto, ela exerce um papel fundamental quando se faz a transposição gráfica de pausas e tons da fala, sendo estes dois elementos – pausa e tom – essenciais para desfazer ambiguidades.

Bechara (2009), por sua vez, relata que a pontuação da língua faz parte de um sistema de reforço da escrita, o qual é organizado por elementos sintáticos, com o propósito de proporcionar ao discurso as pausas orais e escritas.

Segundo esse autor, entende-se pontuação sob uma acepção larga e outra restrita, ambas recobertas por unidades melódicas e rítmicas. A primeira refere-se aos sinais de realce e valorização do texto, como títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres. Por outro lado, a concepção restrita trata da pontuação no âmbito da marcação gráfica, isto é, os sinais gráficos delimitadores no texto. Entre eles estão: vírgula, ponto e vírgula, ponto final, ponto de exclamação, reticências; e os sinais de comunicação e mensagem: dois pontos, aspas simples, aspas duplas, travessão simples, travessão duplo, parênteses, colchetes e, finalmente, chaves.

No entendimento do texto, Bechara (2009 pp. 605) ressalta que a elaboração de um enunciado não se dá por meio de um amontoado de palavras e orações, organiza-se por princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica. Para ele, os sinais de pontuação, que já são empregados há muito tempo, procuram conferir ao texto uma solidariedade sintática e semântica.

Dentre os efeitos desastrosos decorrentes do mau uso da vírgula, o autor apresenta alguns exemplos, como em (a) e (b), em que a retirada ou a colocação da vírgula pode modificar a ideia da estrutura ou desfazer um mal-entendido.

a) Não podem atirar!

b) Não, podem atirar!

Exemplos simples, mas que transmitem duas ideias distintas numa frase aparentemente igual, sendo que a pontuação foi determinante para transformar seu sentido. Um exemplo que o autor dá para o que ele chama de “a pontuação do texto”, aspecto este que é fundamental para expressar a solidariedade sintática e semântica (BECHARA, 2009, p. 606).

Para Bechara, os sinais de pontuação são empregados de modo a atender à iniciativa e à decisão do produtor do texto no seu desejo de levar ao material algo mais de expressividade, de contorno melódico, rítmico e entonacional, além das palavras e das construções utilizadas. O autor mantém a tradição gramatical de apresentar a pontuação como elo entre a oralidade e a escrita, isto é, ressalta sua função sintática.

Cunha & Cintra (2013) afirmam que a língua escrita não dispõe de inumeráveis elementos rítmicos e melódicos da língua falada. Defende que, para conseguir tal aproximação, os sinais de pontuação ocupam o papel de movimento semelhante ao da elocução oral. Corroborando com Bechara (2009), esses autores propõem dois agrupamentos para os sinais de pontuação: o primeiro para marcar as pausas: vírgula, ponto e vírgula e ponto final. O segundo grupo tem essa função de aproximação melódica: dois pontos, ponto de interrogação, de exclamação, reticências,

aspas, parênteses, colchete e travessão. Essa separação, segundo os autores, não é categórica, pois os recursos de ambos os grupos apresentam simultaneamente a melodia e a pausa.

Embora os autores tratem a vírgula como elemento que marca pausa e melodia, Cunha & Cintra (2013, p. 658) a dividem em dois grupos com critérios sintáticos: no interior da oração e entre orações, isto é, separa elementos de uma oração e assim também orações de um só período.

Os autores defendem que pontuar é sinalizar gramatical e expressivamente um texto. O mau uso de um sinal de pontuação não só prejudica como também altera o seu sentido. Deve-se utilizar com precisão tais sinais. Por outro lado, defende que não se deve abusar dos sinais de pontuação. Em consonância com Luft (2004), eles salientam que, nos mais diversos produtos textuais, há escritores, redatores que empregam vírgulas em demasia e, com isso, travam o enunciado, prejudicando o seu ritmo natural e, às vezes, tornando-o obscuro.

As abordagens desses autores testificam que pausas e entoação constituem eixos de um mesmo aspecto: a produção do sentido do texto, visto que o uso desse sinal gráfico deve considerar o aspecto gramatical e expressivo, para então haver um equilíbrio entre a interação social e o uso adequado do material linguístico.

As considerações feitas até aqui trazem um relato diacrônico de como a pontuação era tratada e também como gramáticos atuais abordam sua grande importância para a boa construção e para o bom entendimento textual. Percebeu-se que os autores defendem que há uma melodia presente na escrita, sendo a pontuação

um critério determinante para que isso aconteça, mas o que prevalece é a função sintática que ela ocupa. Esse critério de pausa e tom também se explica em Dahlet (2006), a qual relata que a pontuação na escrita, como a entonação no oral, explicita as posições sintáticas de um determinado enunciado.

### **2.3 A vírgula nas construções intercaladas**

Na língua portuguesa, há diversos termos e orações que se intercalam, que se deslocam, que são inseridos no interior de uma oração, rompendo, assim, com o estilo lógico e direto, isto é, intercalações entre sujeito e verbo, verbo e complemento, o que é totalmente comum numa língua viva. Contudo, as regras consagradas pelas gramáticas prezam pela boa organização sintática dos períodos, embora também abarquem alguns usos estilísticos e até mesmo idiossincráticos.

Ao falar de termos intercalados, a pontuação é fundamental para a adequada elaboração dessas estruturas dentro da frase, sendo a vírgula o principal signo utilizado. Bechara (2009) e Cunha & Cintra (2013) não se aprofundam ao falar das intercalações, apenas as citam dentre as inúmeras regras de colocação de vírgula.

Expõem-se aqui, de acordo com Bechara (2009), alguns casos de uso da vírgula que se configuram em construções intercaladas:

- f) para separar ou intercalar vocativos;
- g) para separar as orações adjetivas de valor explicativo;
- h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam;
- i) para separar as orações intercaladas;
- j) para separar em geral adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal;
- l) para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão;
- o) para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária;

p) para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada (BECHARA, 2009 p. 609 - 610).

Numa outra obra, “Lições de Português pela Análise Sintática”, Bechara (2014) propõe que as orações intercaladas são “aquelas que, não pertencendo propriamente à sequência lógica das orações do período, aparecem como elemento adicional que o falante julga ser esclarecedor”. Para ele, as orações intercaladas são sempre justapostas e separam-se por vírgula, travessão ou parêntese. No capítulo destinado à explicação de orações adjetivas, Bechara (2009) diz que a intercalação é uma espécie de acessório, que pode ser dispensado, por estar meramente explicando algo já dito. Porém, essa opinião já se contrapõe à anterior, pois, como ele mesmo diz, as intercalações são elementos que o produtor usa para esclarecer, explicar algo dito.

Cunha & Cintra (2013) aborda, de maneira bem simplória, alguns casos possíveis que se manifestam como orações intercaladas:

- b) para separar elementos que exercem funções sintáticas diversas, geralmente com a finalidade de realçá-los. Em particular, a vírgula é usada: para isolar o aposto, ou qualquer elemento de valor meramente explicativo; para isolar o vocativo; para isolar os elementos repetidos; para isolar o adjunto adverbial antecipado.
- c) para isolar as orações intercaladas;
- d) para isolar as orações subordinadas adjetivas explicativas
- e) para separar as orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à principal; (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 658-664).

Os gramáticos terminam suas considerações sobre a vírgula enfatizando que toda oração ou todo termo de oração de valor explicativo deve estar entre pausas, sendo isolados por vírgula na escrita.

Ao tratar de termos intercalados, Luft (2004) fala em “vírgulas que separam encaixes”, quando a frase se forma de aglomerações de palavras, muitas vezes com

interrupções na sua construção direta. Sendo isso um recurso natural da fala e, por conseguinte, da escrita, deve-se ter atenção ao pontuá-las. Por exemplo:

(1) Amanhã vou almoçar no Centro.

(1a) Amanhã, quero lhe avisar, vou almoçar no Centro.

(2) O pátio ficou alagado devido à chuva.

(2a) O pátio, devido à chuva, ficou alagado.

São vírgulas dos “encaixes” ou intercalações, presentes em textos dos mais diversos gêneros – revistas, jornais, artigos científicos, livros didáticos, manuais, etc. Esse “*quero lhe avisar*” em 1a é um encaixe que interrompe a construção direta de 1 “*Amanhã vou almoçar no Centro*”. Assim como o “*devido à chuva*” está em sequência normal em 2, porém em 2a é um encaixe, uma intercalação que interrompeu o fluxo de “*o pátio ficou alagado*” (LUFT, 2004, p. 75-76).

O autor acrescenta que “intercalação quer dizer duas vírgulas, portanto, ou duas vírgulas ou nenhuma. Uma só é sempre um lamentável equívoco” (LUFT 2004, p.40).

Essas construções são constantemente utilizadas nos mais diversos contextos da escrita. Contudo, não se encontram explicações aprofundadas nas gramáticas modernas, as particularidades dessas construções não são esclarecidas, tão pouco denominadas. Um exemplo disso é o uso da vírgula no emprego dos adjuntos adverbiais que, muitas vezes, se apresentam intercalados, além da

classificação que recebem (longos ou curtos), sendo que os gramáticos não mencionam detalhadamente como seriam essas extensões.

A autora Neves (2011), em sua “Gramática de usos do Português”, chama atenção para algumas especificações dos adjuntos adverbiais sendo que estes se apresentam em construções que constantemente aparecem intercalados nos textos jornalísticos.

Do ponto de vista morfológico, o advérbio é uma palavra invariável, por outro lado, a autora elenca algumas subclasses, entre elas, as de grande valia para esta pesquisa: os advérbios modificadores que se subdividem em advérbios de modo, cuja função é de qualificadores; os advérbios de intensidade, com função de intensificadores; e os advérbios modalizadores, que podem cumprir o papel de asseverativos, delimitadores, deônticos e afetivos. São advérbios que influenciam no significado dos elementos sobre os quais incidem, de forma que expresse alguma intervenção do falante no seu enunciado (NEVES, 2011, pp. 236-238).

Ao serem utilizados no discurso, podem ter o papel de qualificar uma ação, intensificar o conteúdo da informação, modalizar de forma asseverativa, delimitadora e afetiva o ponto de vista do falante.

Há também os advérbios não modificadores, entre eles estão os advérbios circunstanciais de tempo e lugar, que não apresentam nenhum outro significado ao texto, mas, sim, uma informação complementar.

Bechara (2009, p. 437) trata os adjuntos adverbiais como “acréscimo à informação, à realidade comunicada”. Para ele, os adjuntos adverbiais são semântica e

sintaticamente opcionais. Acrescentam à mensagem informações que o falante julga indispensáveis ao conhecimento do seu interlocutor.

## **2.4 Gêneros Textuais – a construção de sentido**

O que se propõe neste subtítulo, a partir das considerações anteriores, é uma descrição da manifestação da linguagem na sua prática discursiva, partindo da objetividade das regras gramaticais para considerar outros aspectos do texto, como a subjetividade, a intuição, o estilo, o contexto enunciativo, pois quem faz uso das intercalações o faz com uma intenção, visando obter um sentido e um objetivo na comunicação com seu interlocutor. Para tanto, faz-se necessário distinguir antes de analisar de forma mais profunda, os gêneros textuais das tipologias textuais e também o domínio discursivo.

Os estudos sobre gêneros textuais têm percorrido um novo rumo desde a proposta de Bakhtin (2000) em considerar todos os enunciados orais ou escritos, que atendam a um propósito comunicativo, um gênero do discurso. Assim, não só os textos literários são agrupados em gêneros textuais, mas, também, todo e qualquer texto que apresente uma função sócio-comunicativa dentro de uma sociedade. Em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação do enunciado. Segundo Koch (2003), tais formas constituem os gêneros, que são reflexos das práticas sócio-comunicativas dos falantes.

Segundo Marcuschi (2003), os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. E com a explosão de novas formas de interação, tanto na oralidade quanto na escrita, é imprescindível o conhecimento das

características e particularidades que formam um gênero, para então compreender sua utilização e adequação ao contexto de uso.

Para o autor, os gêneros detêm alto poder preditivo e interpretativo, mas não são instrumentos estanques e inibidores da ação criativa. Gênero é ação, é processo, caracteriza-se como evento textual altamente maleável, dinâmico e plástico. O gênero como discurso é uma forma de socialização.

Embora alguns autores considerem como ações linguísticas que seguem determinadas estruturas, Marcuschi (2003) aponta que os gêneros caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais. “São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas.” (MARCUSCHI, in DIONISIO & BEZERRA, 2002, p. 20).

Corroborando com essas ideias, Miller (1984 in MARCUSCHI 2008) defende que não há que dispensar um olhar para as diversas produções textuais como modelos estáticos nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social. Pois, corporificados na linguagem, os gêneros são entidades dinâmicas.

Com a “cultura eletrônica” – assim denominada por Marcuschi (2002) se referindo aos suportes tecnológicos da comunicação, como o rádio, a TV, o computador e a internet –, presenciamos novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita, e, conseqüentemente, novos gêneros. Uma das definições-resumo de gênero dada por Marcuschi (2003 a) pode ser lida na citação que segue: “os gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em

comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos” (MARCUSCHI, 2003a: 25). Alguns exemplos de gêneros textuais: telefonema, carta comercial, carta pessoal, receitas culinárias, edital de concurso, reportagem, bilhete, entre outros, e todos abrangem um canal, um estilo, um conteúdo, uma composição e uma função.

Por outro lado, o tipo textual é uma sequência diferenciada do gênero textual. Marcuschi (2003, p. 23) afirma que “os tipos textuais constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos”. Teoricamente, os tipos são designados como narrativos, descritivos, argumentativos, expositivos ou injuntivos. O autor enfatiza que os gêneros textuais são constituídos por dois ou mais tipos, em geral. A presença de vários tipos textuais em um gênero é denominada de “heterogeneidade tipológica”. O gênero receita culinária, por exemplo, apresenta, em sua descrição, várias sequências: exposição dos ingredientes, descrição e a injunção podem ser encontradas no modo de preparo, e, quando há uma sugestão do autor, tem-se a argumentação. Assim, também, os gêneros textuais relatório ou carta, por exemplo, podem ser formados por diversas tipologias textuais concatenadas.

Outra importante distinção é a relação entre tipologia, gênero textual e domínio discursivo. Um domínio discursivo é a prática discursiva que abrange uma série de gêneros e que pode ser espaço de criação de outros gêneros. Segundo Marcuschi (2003, p. 23), essa expressão domínio discursivo é usada para designar uma esfera de produção ou de atividade humana. Tais produções não são textos nem discursos, mas fomentam o surgimento de discursos bem específicos. Pode-se falar em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso, discurso didático, etc., os quais não abrangem um gênero específico, mas, a partir deles, se originam muitos outros. No

discurso jornalístico, por exemplo, tem-se editoriais, reportagens, notícias, colunas, etc., isto é, um conjunto de gêneros que são próprios (e até mesmo exclusivos) da prática discursiva jornalística.

Com esse aporte teórico, é possível unir gênero ao seu envolvimento social. Não se pode tratar o gênero de discurso independente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas.

Ainda é importante salientar e ressaltar a diferença entre texto e discurso, para que não os confunda. Segundo Marcuschi (2003),

*texto* é uma unidade concreta, realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. *Discurso* é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva. Assim, o discurso se realiza nos textos. Em outros termos, os textos realizam discursos em situações institucionais, históricas sociais e ideológicas.

Koch (2003) afirma que o contato com diversos textos da vida cotidiana desenvolve no indivíduo sua capacidade metatextual para construção e intelecção de textos. Sua competência textual lhe permite perceber se em um texto predominam sequências de caráter narrativo, descritivo, expositivo e/ou argumentativo.

#### **2.4.1 Gênero Jornalístico**

O objeto de estudo desta pesquisa, quanto ao domínio discursivo, é o Jornalístico. E, quanto ao gênero textual, são, segundo Marcuschi, notícias e reportagens. Para melhor ilustrá-los, apresentamos a Figura 1, na qual estão marcados por círculos em vermelho.

Figura 1: Domínio discursivo e gêneros textuais

GÊNEROS TEXTUAIS POR DOMÍNIOS DISCURSIVOS E MODALIDADES		
DOMÍNIOS DISCURSIVOS	MODALIDADES DE USO DA LÍNGUA	
	ESCRITA	ORALIDADE
Jornalístico	editoriais; notícias; reportagens; nota social; artigos de opinião; comentário; jogos; histórias em quadrinhos; palavras cruzadas; crônica policial; crônica esportiva; entrevistas jornalísticas; anúncios classificados; anúncios fúnebres; cartas do leitor; carta ao leitor; resumo de novelas; reclamações; capa de revista; expediente; boletim do tempo; sinopse de novela; resumo de filme; cartoon; caricatura; enquête; roteiros; errata; charge; programação semanal; agenda de viagem	entrevistas jornalísticas; entrevistas televisivas; entrevistas radiofônicas; entrevista coletiva; notícias de rádio; notícia de tv; reportagens ao vivo; comentários; discussões; debates; apresentações; programa radiofônico; boletim do tempo

Fonte: Marcuschi (2008, p.194-195) com adaptações

Conforme Figura 1, Marcuschi apresenta o domínio discursivo jornalístico quanto às modalidades de uso da língua portuguesa – escrita e oralidade – com alguns exemplos dos gêneros textuais, entre eles, as notícias e as reportagens. Para este estudo, como já foi dito, consideramos notícias e reportagens tanto produzidas no meio eletrônico quanto no impresso, como detalharemos na Seção 3.2.

A estrutura do gênero textual notícia jornalística foi, ao longo do tempo, desenvolvendo-se e adequando-se às necessidades e aos avanços de cada época. O jornalismo teve que se adaptar ao jornal impresso, ao rádio, à televisão e agora à internet, que provocou o surgimento de gêneros bastante característicos, em razão da centralidade que exerce nas atividades comunicativas sociais.

No ambiente virtual, a notícia apresenta novas características, embora em sua essência se mantenha como um fato que pode ser do interesse de uma maioria, apresentada com clareza, precisão, objetividade e concisão.

No *webjornalismo*, o texto passa a ser multimidiático, com maior integração entre texto escrito, imagem, áudio e vídeo. Além disso, a extensão do texto também se modificou: no jornalismo *online* a tendência são textos curtos. Mas Marcuschi (2002) aponta que o aspecto central nesses gêneros emergentes é a linguagem, que modificou a relação entre a oralidade e a escrita, “desfazendo ainda mais as suas fronteiras”.

Esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com um certo hibridismo que desafia as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua (MARCUSCHI, in DIONISIO & BEZERRA, 2003, p. 21).

É um novo momento para a língua, para a escrita e para o jornalismo. A mídia *online* trouxe novas características em relação à forma, ao tempo, ao espaço e também ao volume de produção de notícias. E esse é um gênero ainda em construção, que se adapta a cada dia.

## **2.5 Papel do Revisor de Texto como agente transformador**

Muito se supõe sobre como se dá o processo de revisão de texto. Ainda se considera, em muitos contextos, a revisão como um mero ato de conferência e adequação do texto à norma-padrão estabelecida pelas gramáticas normativas, geralmente sem considerar o contexto de produção, o gênero ou qualquer outra situação sociocomunicativa.

Tradicionalmente, a palavra Revisão, segundo Pinto (1993 apud ROCHA, H. 2012), retrata uma prática de conferência de textos, uma atividade de cotejamento, sem o compromisso com o conteúdo apresentado, limitada apenas aos erros tipográficos. A autora situa a revisão de texto como uma prática de adequar, organizar e normalizar as produções socialmente construídas.

Divergindo dessa linha de pensamento, Fairclough (2003), citado por Rocha, H. (2012), afirma que a análise textual não pode consistir simplesmente em descrição de textos isoladamente de sua interpretação. Rocha, H. (2012, p.65) considera que a prática de revisão não pode ser confundida com conferência, porque esta é uma atividade “esvaziada de intelecto, de liberdade, é mecanizada”.

Revisar, segundo Houaiss (2009), é o ato ou efeito de rever ou revisar; nova leitura de um texto, sendo esta mais minuciosa, um novo exame. Rocha, H. (2012) acrescenta que Revisar é ler o texto a fim de consertar-lhe possíveis “erros”, sejam eles relativos à estrutura ou ainda relativos ao aspecto linguístico de adequação do modo como o conteúdo é apresentado/exposto. Quanto menos habilitado o revisor for, mais seu trabalho se aproximará da conferência, o que significa nenhuma interferência no material revisado.

A figura do revisor competente é imprescindível para sanar inadequações no gênero a ser publicado. Mas deve-se ter cuidado tanto com a autoconfiança excessiva do produtor quanto do revisor. O universo em que se situa a linguagem humana é por demais movediço. Outro tópico a ser observado pelo revisor é a subjetividade inconsequente, isto é, a intenção do produtor textual ao elaborar um texto com determinadas estruturas, determinado discurso.

Partindo do sentido corrente de Revisão, Rocha, H. (2012) defende a ideia de Revisão Crítica, que foge da simples conferência e correção de erros para uma análise mais profunda do produto textual. Aqui, o revisor passa a ter consciência de que sua prática será a de um agente transformador, que considera o gênero, o contexto, o estilo e todas as particularidades envolvidas no seu material de trabalho, no texto.

O revisor precisa estar sempre atualizado, informado, experiente, para evitar catástrofes. A vivência profissional e o aprimoramento irão influir tanto na forma quanto no conteúdo do gênero discursivo.

Diante disso, o Revisor de Texto, apto para tal atividade, deve, de um lado, ter conhecimento analítico da coesão textual e conhecer os padrões que o gênero pressupõe carecer; por outro, perceber as características do material analisado a fim de respeitar suas particularidades.

### **3. METODOLOGIA**

No presente capítulo, descrevem-se o caráter da pesquisa, os meios utilizados para a coleta de dados, assim também se apresentam os procedimentos metodológicos empregados na sua realização e na coleta de dados.

#### **3.1 Caráter da pesquisa**

Para identificar, descrever e analisar as construções intercaladas e a inteligibilidade textual que elas podem ocasionar aos textos jornalísticos, quando mal empregadas, foi adotada uma pesquisa descritiva, interpretativa, de caráter qualitativo.

Segundo Cervo e Bervian (2002), a pesquisa descritiva é voltada para descobrir a constância com que um determinado fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características. Como complemento, Moresi (2003) define pesquisa qualitativa como aquela que demonstra haver relação direta entre a realidade e o sujeito, não podendo ser traduzida em números, mas, sim, uma interpretação dos dados a fim de atribuir-lhes significados. Esse tipo de pesquisa não requer a utilização de métodos e técnicas estatísticas.

#### **3.2 Meios e procedimentos metodológicos**

Inicialmente, fez-se uma busca por textos jornalísticos disponíveis na internet, mais especificamente, nos veículos de comunicação de massa *online* mais populares no Brasil: Revistas *Veja* e *Isto é*; periódicos como *Agência Brasil*, *Correio Braziliense*, *Estadão*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, entre outros. Contudo, percebeu-se que, por se tratarem de canais de comunicação conceituados, os desvios linguísticos, que seriam objetos desta pesquisa, não apareceram com grande frequência, uma vez

que, por serem mídias *online*, a correção de algum desvio ocorre imediatamente, mas, ainda assim, foi possível encontrar diversas algumas recorrências, o suficiente para a realização deste estudo.

Posteriormente, adentrou-se em jornais mais comuns, diários de notícias por região, por cidade, e, por fim, chegou-se ao *Diário do Interior de Iporá – Goiás* – o qual apresentou alguns dados para serem analisados. Além disso, recorrendo a versões impressas de um dos jornais citados acima – *Correio Braziliense* – verificou-se materiais que se encaixavam à necessidade deste trabalho. Serão utilizados, então, materiais dos seguintes jornais: *Diário do Interior de Iporá – Goiás*, *Correio Braziliense*, *Folha de S. Paulo*, *Estadão* e *O Globo*.

As notícias foram apresentadas e analisadas a fim de identificar se havia emprego dos termos intercalados e se estes promoveram ou não inteligibilidade textual. Concomitantemente, são apresentadas propostas de intervenção e o texto revisado, quando necessário, expressando, assim, o papel do Revisor de Texto diante de tal prática discursiva.

A razão da escolha do gênero jornalístico se justifica por tratar-se de um tipo de texto formal destinado a um grande público, e, por isso, podemos supor que os autores serão mais ou menos cuidadosos quanto à qualidade da linguagem. Soma-se a isso o papel social da esfera midiática e sua importância na formação de leitores fluentes e críticos, uma vez que proporciona um material muito rico para investigação da linguagem em funcionamento, assim como os sentidos advindos da interação entre (inter)locutores.

#### 4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Sob a perspectiva da análise qualitativa, objetiva-se considerar as estruturas utilizadas na elaboração do conteúdo das notícias e reportagens, em relação ao uso ou não da vírgula, especialmente no que se refere às construções intercaladas sob à luz dos pressupostos teóricos abordados no referencial desta pesquisa. Para isso, serão consideradas as especificidades dos gêneros notícias e reportagens, os produtores desses textos e o papel do revisor diante de tais construções.

Neste item, serão descritos os dados, em seguida, serão apresentadas as propostas de intervenções e, se necessário, os textos revisados.

##### **Notícia 1: intercalação de data e idade – construções explicativas**

Casal Iporaense é preso suspeito de tráfico de drogas em Montividiu



Na manhã desta segunda, (9), a Iporaense **Aline Gabriele da Silva Oliveira** de 20 anos e **Barutes Silva de Lima** de 19, foram presos pela Polícia Militar na cidade de Montividiu, em uma abordagem de rotina.

Fonte: O Diário de Notícias de Iporá de Goiás (*online*)

1- *“Na manhã desta segunda, (9), a Iporense Aline Gabriele da Silva Oliveira de 20 anos e Barutes Silva de Lima de 19, foram presos pela Polícia Militar na cidade de Montividiu em uma abordagem de rotina.”*

### **Proposta de intervenção**

Observa-se aqui um desvio claro de intercalação e de uso da vírgula. Primeiramente, a vírgula depois de “segunda” está sobrando na frase. Geralmente, a colocação de datas, em matérias jornalísticas, é intercalada por vírgula, contudo, aqui, ela separa a palavra “segunda” do complemento “(9)”, uma vez que este já está entre parênteses, a vírgula torna-se desnecessária.

Posteriormente, as informações “de 20 anos” e “de 19” são explicativas e, segundo os pressupostos gramaticais abordados nesta pesquisa, toda oração ou termo de oração de valor meramente explicativo pronuncia-se entre pausas, por isso, são isolados por vírgula na escrita. Neste caso, tem-se uma intercalação que traz uma informação a mais, uma característica dos personagens. Usando apenas uma vírgula, como em “de 19,” o autor separa os sujeitos, “Aline Gabriele da Silva Oliveira e Barutes Silva de Lima”, do seu predicado “foram presos pela Polícia Militar...”.

Para revisão de todo o trecho apresentado, ainda que não componha os objetivos desta pesquisa, observam-se desvios diversos que carecem de revisão. O título informa que o casal é de Iporá e, no trecho da notícia analisado, o autor usa o artigo feminino “a” e o substantivo “iporaense” no singular, referindo-se somente a Aline, como se apenas ela fosse dessa cidade. A fim de manter a coesão, o adjetivo

passa para plural “os iporaenses”; acrescentou-se também o acento agudo da palavra “Polícia” para marcar a tonicidade da vogal fechada “i”; o “Manual de Redação e Estilo do Senado Federal” (1999) orienta, no capítulo “Cidade”, que é necessário colocar entre parênteses a representação da sigla do estado ao qual pertence a cidade mencionada, “Montividiu (GO)”; a vírgula antes de “em” marca o advérbio de tempo, porém, ele já está em sua posição original e não há necessidade de separação por vírgula. Por fim, tal preposição, “em”, foi substituída por “durante” para expressar uma circunstância de tempo para ser coeso e coerente com o texto.

### Texto revisado

“Na manhã desta segunda-feira (9), os iporaenses Aline Gabriele da Silva Oliveira, de 20 anos, e Barutes Silva de Lima, de 19, foram presos pela Polícia Militar na cidade de Montividiu (GO) durante uma abordagem de rotina.”

### Notícia 2: construção explicativa



Fonte: Correio Braziliense (*impresso*)

2- *“Popularizada por celebridades, a moda das dietas virtuais ganha adeptos – na casa dos milhões – nas redes sociais. Mas nutricionistas alertam a seguidores que é preciso cuidado para checar informações.”*

### **Proposta de intervenção**

À primeira vista, a informação intercalada por travessões parece ser uma inserção acessória, como citam alguns gramáticos e, portanto, poderia ser retirada. Obedece aos critérios gramaticais estabelecidos para o seu uso, mas, além disso, revela uma informação a mais, deixa clara a intenção e o efeito discursivo que o autor quer proporcionar à reportagem. A fim de comprovar a popularidade “das dietas virtuais”, o autor cita o nível, o alcance dessa “moda”, que é “na casa dos milhões”, sendo isso um fator que justifica “a preocupação dos nutricionistas” apresentada no decorrer do texto. Portanto, não é uma construção desnecessária.

O uso de travessão para intercalar um termo, uma construção ou uma oração intercalada é defendido pelas regras que regem a língua portuguesa, assim como a vírgula, por isso, mantém-se o texto como está no original.

### Notícia 3: intercalação de data - adjunto circunstancial de tempo



**ESTADÃO** | POLÍTICA → ECONOMIA → INTERNACIONAL → ESPORTES → SÃO PAULO →

08/02/2016, 12h00

O procurador-geral de Justiça de São Paulo, Márcio Fernando Elias Rosa, encaminhou nesta sexta-feira, 5, representação ao Tribunal de Contas da União (TCU), à Controladoria-Geral da União (CGU) e ao Conselho Deliberativo do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) recomendação para que seja alterado o procedimento de fiscalização do programa de repasse de verbas públicas destinadas às cooperativas agrícolas familiares.

Fonte: Estadão (online)

3- *“O Procurador Geral de Justiça de São Paulo, Márcio Fernando Elias Rosa, encaminhou nesta sexta-feira, 5, representação ao Tribunal de Contas (TCU)...”*

#### Proposta de intervenção

No fragmento, observa-se o uso de uma intercalação explicativa sobre quem é o Procurador, a qual é comumente utilizada em matérias jornalística no intuito de informar ao leitor quem é o ator da notícia. Em seguida, fez-se uso da vírgula após o adjunto circunstancial de tempo “nesta sexta-feira, 5,” para delimitar a data. Na ânsia por intercalar o momento em que ocorreu tal situação, houve a ausência da vírgula após o verbo “encaminhou” e no fim do adjunto adverbial, a qual tem a função de separar, de marcar e intercalar um adjunto adverbial deslocado. Luft (2004), assim como Cunha & Cintra (2013), justifica uma pausa nítida, marcada na escrita por vírgula, para separar um adjunto adverbial antecipado e/ou deslocado. Ao fazer a intercalação da data, o autor comete um deslize

apontado por diversos gramáticos, a separação do verbo “encaminhou” de seu complemento “representação ao Tribunal de Contas...”.

Como um modalizador, a intenção do redator ao deslocar um adjunto é chamar a atenção do leitor para o fato descrito na reportagem, isto é, delimitar pontualmente o discurso, a fim de reinterar o momento exato da ocorrência da matéria.

Fugindo brevemente do objeto desta pesquisa, percebe-se, no mesmo trecho, um deslize de coerência e coesão. A data da reportagem é 08/02/2016 (segunda) e, ao utilizar “nesta sexta-feira, 5,”, o redator se referia à sexta-feira que passou. A ideia de proximidade estende-se aos indicadores de tempo e o pronome em questão refere-se a um momento presente, como se a “sexta-feira, 5, “ ainda estivesse por vir na semana em que se publicou a matéria. Aquilo que está longe do emissor da mensagem deve ser tratado como "isso", "esse" ou "essa", somados por hora à preposição “em”, “nisso”, “nesse”, “nessa”. Assim, para manter o sentido desejado, orienta-se o uso do marcador “nessa”.

#### **Texto revisado**

“O Procurador Geral de Justiça de São Paulo, Márcio Fernando Elias Rosa, encaminhou, nessa sexta-feira, 5, representação ao Tribunal de Contas da União (TCU)....”

#### Notícia 4: construção explicativa

ESTADÃO
POLÍTICA + ECONOMIA + INTERNACIONAL + ESPORTES + SÃO PAULO

O MP suspeita que Suassuna e Bittar atuaram como “laranjas” do petista no imóvel rural. A área tem 173 mil m<sup>2</sup>, o equivalente a 24 campos de futebol e foi comprada por R\$ 1,5 milhão. Embora os dois tenham comprado terrenos contíguos, supostamente de mesmo tamanho, Suassuna pagou R\$ 1 milhão e Bittar, R\$ 500 mil. O advogado Roberto Teixeira – a compra do sítio foi lavrada no escritório de Teixeira, compadre de Lula –, disse que a diferença dos valores é “porque os sócios convencionaram dessa forma, como é absolutamente lícito em qualquer negócio privado”.

Fonte: Estadão (online)

4- *“A área tem 173 mil m<sup>2</sup>, o equivalente a 24 campos de futebol e foi comprada por R\$1,5 milhão.”*

#### Proposta de intervenção

Neste trecho da reportagem, há uma construção explicativa “o equivalente a 24 campos de futebol” para “A área tem 173 mil m<sup>2</sup>”. Inicialmente, foi marcada por vírgula, porém, ao terminá-la, o redator não pontuou novamente, inseriu apenas uma conjunção aditiva e em seguida o complemento da frase “e foi comprada”, o qual se refere à “A área tem 173 mil m<sup>2</sup>”. Numa colocação direta, seria “A área tem 173 mil m<sup>2</sup> e foi comprada por R\$ 1,5 milhão.” Tal uso da inserção explicativa indica que houve uma ruptura da construção direta, percebe-se claramente que a intenção do uso da explicativa é ratificar a informação e intensificar o tamanho da “área”, contudo a pontuação causa um desconforto na legibilidade textual. Do ponto de vista semântico, essa explicativa é

intencionalmente utilizada para tornar mais compreensível para o leitor a informação dita anteriormente, indo mais além, essa compreensão torna-se mais acessível quando comparada a “24 campos de futebol”.

Seguindo pela matéria, observa-se “O Advogado Roberto Teixeira – a compra do sítio foi lavrada no escritório de Teixeira, compadre de Lula –, disse que a diferença dos valores...”. Novamente, tem-se uma informação explicativa, posta no discurso com a finalidade de contextualizar o leitor sobre quem é o mencionado advogado e sua participação no caso relatado. Algumas das possibilidades elencadas pelas gramáticas para fazer uma intercalação de valor explicativo são por meio de travessões, parênteses e vírgulas, mas, para isso, deve-se ater ao seu adequado uso, pois a chance de fazer uma separação de elementos básicos é muito grande.

Numa proposta de revisão, ao retirar a explicativa ou movê-la para outro período, percebe-se que a vírgula, após o travessão, ainda separa o sujeito “O Advogado Roberto Teixeira” do seu complemento “disse que a diferença dos valores...”, a colocação dos dois travessões seria suficiente.

#### **Texto revisado**

“O MP suspeita que Suassuna e Bittar atuaram como “laranjas” do petista no imóvel rural. A área tem 173 mil m<sup>2</sup>, o equivalente a 24 campos de futebol, e foi comprada por R\$1,5 milhão. Embora os dois tenham comprado terrenos contíguos, supostamente de mesmo tamanho, Suassuna pagou R\$ 1 milhão e Bittar, R\$ 500 mil. O Advogado Roberto Teixeira – a compra do sítio foi lavrada no escritório de

Teixeira, compadre de Lula – disse que a diferença dos valores é “porque os sócios convencionaram dessa forma, como é absolutamente lícito em qualquer negócio privado”.

### Notícia 5: oração subordinada adjetiva explicativa

Assine | Clube do Assinante

**CORREIO BRAZILIENSE** 31° | 18° | BRASÍLIA, 16/02/2016

Capa Cidades-DF Brasil / Política Economia Divirta-se Mais Mundo Diversos

Correio Digital Concursos Carnaval 2016 Superesportes Eu, Estudante Vídeo

Busca CB Trânsito

Início / Mundo / Oposição venezuelana aprovará anistia que Maduro promete bloquear

PUBLICIDADE

**Oposição venezuelana aprovará anistia que Maduro promete bloquear**

A oposição, que colocou uma enorme bandeira venezuelana com os dizeres "Anistia já" em uma rua de Chacao planeja uma manifestação no sábado e outros atos a favor dos presos políticos

Fonte: Correio Braziliense (*online*)

5- *“A oposição, que colocou uma enorme bandeira venezuelana com os dizeres “Anistia já” em uma rua de Chacao planeja uma manifestação no sábado e outros atos a favor dos presos políticos”.*

### Proposta de intervenção

Ao analisar este lide<sup>1</sup> do *Correio Braziliense*, percebe-se no subtítulo uma oração subordinada adjetiva explicativa iniciada por vírgula, “que colocou uma enorme bandeira venezuelana com os dizeres “Anistia já””. Conforme rege a gramática normativa da língua portuguesa, esse tipo de construção deve vir demarcado por duas vírgulas, a fim de expressar a ideia de explicação e também de manter a diferença em relação a uma construção restritiva. Tal inserção tem um valor significativo para o sentido da matéria, não pode ser desprezada, contudo deve estar devidamente pontuada para não causar problema de legibilidade.

O uso das duas vírgulas, quando se intercala uma subordinada explicativa, serve também para evitar a separação de sujeito, verbo e complemento, como ocorreu neste trecho. Na forma em que se apresenta, o sujeito “A oposição” foi separado de seu verbo “planeja”.

Numa outra análise, há também a presença de um adjunto circunstancial de lugar, de maior extensão e deslocado de sua posição original, “em uma rua de Chacao”, o qual deveria estar marcado por duas vírgulas.

### Texto revisado

”A oposição, que colocou uma enorme bandeira venezuelana com os dizeres “Anistia já”, em uma rua de Chacao, planeja uma manifestação no sábado e outros atos a favor dos presos políticos”.

<sup>1</sup> lide - Palavra aportuguesada do inglês "lead", conduzir, liderar. O **jornalismo** usa o termo para resumir a função do primeiro parágrafo: introduzir o leitor no texto e prender sua atenção. Disponível em Manual de Produção Folha de São Paulo, acesso em 15 mai. 2016.

## Notícia 6: Construção explicativa

Assine | Club

**CORREIO BRAZILIENSE** 83° | 69° | BRASÍLIA, 24/03/2016

Capa Cidades-DF Brasil / Política Economia Divirta-se Mais Mundo Diversão e Arte Ciências

Correio Digital Concursos Especiais Superesportes Eu, Estudante Vídeos Fotos Blogs

Início / Diversão e Arte / Exposição sobre Frida Kahlo chega a Brasília em abril

PUBLICIDADE

Do you truly know your customer? Learn the power of customer analytics. Download the e-book

### Exposição sobre Frida Kahlo chega a Brasília em abril

Mostra sobre a mexicana e artistas contemporâneas, 'Frida Kahlo - Conexões entre Mulheres Surrealistas no México' já passou por São Paulo e Rio de Janeiro

Fonte: Correio Braziliense (*online*)

6- *“Mostra sobre a mexicana e artistas contemporâneas, ‘Frida Kahlo – Conexões entre Mulheres Surrealistas no México’ já passou por São Paulo e Rio de Janeiro”*

### Proposta de intervenção

No lide desta matéria, há uma construção de referencial ambíguo. Analisemos: Quem “já passou por São Paulo e Rio de Janeiro”? A “Mostra sobre a mexicana e artistas contemporâneas” ou ‘Frida Kahlo – Conexões entre Mulheres Surrealistas no México’?

A colocação da vírgula após “contemporâneas” faz-nos pensar na possibilidade de termos uma construção explicativa intercalada. Observa-se aqui uma leve desconstrução da legibilidade textual, pois, se a explicativa viesse

marcada por duas vírgulas, essa intercalação estaria perfeitamente pontuada e compreensível.

De forma linear e direta, o lide seria: “Mostra sobre a mexicana e artistas contemporâneas já passou por São Paulo e Rio de Janeiro”. A informação sobre a mostra de arte é um encaixe, uma intercalada de grande importância e relevância para situar o leitor, por isso deve estar demarcada por duas vírgulas.

Salienta-se, no entanto, que tal desvio ocasiona uma leve incompreensão textual e, por tratar-se de um veículo de comunicação que preza pela boa escrita, faz-se necessária a boa pontuação e demarcação dos seus limites.

#### **Texto revisado**

“Mostra sobre a mexicana e artistas contemporâneas, ‘Frida Kahlo – Conexões entre Mulheres Surrealistas no México’, já passou por São Paulo e Rio de Janeiro”

## Notícia 7: Adjunto circunstancial de tempo

### Um pouco sobre a Frida

Essa mulher intensa esteve a frente de seu tempo cheia de vida mesmo com as dificuldades que enfrentou, desde doenças à traições. Frida se tornou ao longo dos anos e até mesmo depois de sua morte, um ícone das artes e do universo feminino.

Atualmente, a Casa Azul onde Frida nasceu, em Coyoacán, bairro da Cidade do México, foi transformada no Museu Frida Kahlo. No espaço, ainda possível apreciar os móveis, livros, quadros, retratos, coleção de peças pré-hispânicas, arquivos e diversos objetos de uso pessoal da artista e de seu marido, o pintor Diego Rivera. O casal morou na Casa Azul entre os anos de 1929 e 1954. A instituição doada por Rivera ao governo mexicano recebe visitas de cerca de 25 mil pessoas por mês.

Fonte: Correio Braziliense (*online*)

7- *“Frida se tornou ao longo dos anos e até mesmo depois de sua morte, um ícone das artes e do universo feminino.”*

### Proposta de intervenção

Continuando a matéria da notícia 6, nesta que se segue tem-se o trecho destacado para análise, o qual apresenta inserções que trazem informações significativas para o leitor.

Percebe-se que há duas inserções “ao longo dos anos” e “e até mesmo depois de sua morte”. O redator comete um deslize ao pontuá-las somente com uma vírgula ao final, ocasionando, assim, a separação do sujeito e verbo: “Frida se tornou” do seu complemento “um ícone das artes e do universo feminino.”

Reescrevendo o texto de forma direta, tem-se: “Frida se tornou um ícone

das artes e do universo feminino” e a construção “ao longo dos anos e até mesmo depois de sua morte,” é uma inserção totalmente necessária para intensificar a importância da artista. Isso mostra que os encaixes no decorrer da informação a ser transmitida são necessários para dar mais valor ao texto, para revelar a intenção do produtor textual e para despertar o interesse do leitor para o que se está noticiando.

As referidas intercalações são adjuntos circunstanciais de tempo e poderiam vir, como regem as gramáticas normativas, no início ou no meio, deslocados por vírgulas, ou também no final. Contudo, há que se preservar a intenção do redator ao colocá-las em tal posição, mas deve-se revisar a pontuação.

#### **Texto revisado**

“Frida se tornou, ao longo dos anos e até mesmo depois de sua morte, um ícone das artes e do universo feminino.”

Notícia 8: intercalação de data - Adjunto circunstancial de tempo

## Líderes do impeachment caem pouco após Dilma

Pedro Ladeira/Folhapress



O presidente afastado da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), conversa com Romero Jucá

DANIELA LIMA  
DE BRASÍLIA

24/05/2016 © 02h00



Michel Temer soube domingo (22) à noite que Sérgio Machado, um antigo personagem da política brasileira, havia grampeado uma conversa com seu ministro do Planejamento, [Romero Jucá](#) (PMDB-RR). Junto com as especulações sobre o conteúdo do áudio, ouviu um veredito: seria impossível manter o aliado no cargo.



Reportagem publicada pela **Folha** nesta segunda-feira (23) com as [falas do diálogo](#) confirmou a previsão dos aliados de Temer.

Considerada inevitável, a queda de Jucá marca o naufrágio dos dois maiores artífices do impeachment de Dilma Rousseff, 36 dias depois de o primeiro alzo da petista, Eduardo Cunha (PMDB-RR), ter obtido a aprovação do pedido na Câmara.

Fonte: Folha de S. Paulo (*online*)

8- “*Michel Temer soube domingo à noite (22) que Sérgio Machado...*”;  
 “Reportagem publicada pela **Folha** nesta segunda-feira (23) com as falas do diálogo...”

### Proposta de intervenção

Diante das diversas notícias analisadas, tem-se esta para uma comparação de estilo, produção e pontuação. Observa-se, no trecho destacado, que o autor não utiliza a separação por vírgulas do adjunto circunstancial de tempo, que seria uma intercalação, uma ruptura da construção direta da frase, mesmo sendo de grande extensão, como diz a gramática normativa. Os diversos gramáticos utilizados nesta pesquisa pontuam que um adjunto adverbial deslocado deve vir pontuado entre vírgulas, contudo há também o aspecto de estilo discursivo, há a questão de evitar a fragmentação do texto, como sugere Luft (2004), visto que isso não é uma obrigatoriedade e não impede a compreensão textual.

Dessa mesma forma acontece na continuidade da matéria: “Reportagem publicada pela **Folha** nesta segunda-feira (23) com as falas do diálogo...”. Percebe-se que o mesmo adjunto não é separado por vírgula, embora venha no meio da sequência.

Ainda que não marcados por vírgulas, são inserções propositalmente utilizadas para fins de situar o leitor. Alguns gramáticos defendem que um dos aspectos que influencia positivamente na boa compreensão de um texto é a ausência de interrupção ocasionada por vírgula em demasia. Por outro lado, são enfáticos ao dizer que um adjunto adverbial de tempo, quando deslocado de sua

posição original, deve vir intercalado por duas vírgulas.

Indo mais além, observou-se no último parágrafo o uso de uma construção explicativa: “Considerada inevitável, a queda de Jucá marca o naufrágio...”. É uma explicativa para “a queda de Jucá” e foi marcada por vírgula por estar deslocada para o início.

Na notícia analisada, e em várias outras que, por uma escolha de prioridades, não estão apresentadas aqui, percebeu-se que não há demarcação dos adjuntos adverbiais especificamente quando aparecem no meio da oração, o que nos leva a pensar em um estilo discursivo adotado pelo *Jornal Folha de S. Paulo*.

### Notícia 9: intercalação de data - Adjunto circunstancial de tempo

## Em nova fase, Lava Jato volta a citar Dirceu e investiga desvios de R\$ 40 mi

DE SÃO PAULO  
DE CURITIBA

24/05/2016 © 07h16 - Atualizado às 10h43

f Compartilhar
🐦
g+
in
✉

◀ 6,4 mil
🔊 OUVIR O TEXTO

+ Mais opções

A Polícia Federal deflagrou na manhã desta terça-feira (24) a 30ª fase da Operação Lava Jato. A ação ocorre nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo e cumpre dois mandados de prisão preventiva, além de nove de condução coercitiva—sendo dois contra funcionários da Petrobras— e 28 de busca e apreensão.

folhashop



Mouse  
Multilaser Ópt.  
à vista  
R\$ 13,90

Magazine Luiza

Foram presos preventivamente Eduardo Aparecido de Meira e Flavio Henrique de Oliveira Macedo, ambos sócios da Credencial Construtora Empreendimento e Representações. Um dos mandados ocorreu em São Paulo e o outro em Sumaré, no interior paulista.

Fonte: Folha de S. Paulo (*online*)

9- *“Em nova fase, Lava Jato volta a citar Dirceu...” “A Polícia Federal deflagrou na manhã desta terça-feira (24) a 30ª fase da Operação Lava Jato.”*

### **Proposta de intervenção**

Analisando a notícia acima, no título, observa-se que o adjunto circunstancial de tempo, deslocado para o início do período, veio separado por vírgula, como orientam as principais gramáticas normativas da língua portuguesa.

Porém, mais abaixo, prevalece a não demarcação da construção circunstancial de tempo quando posta no meio da sentença: “A Polícia Federal deflagrou na manhã desta terça-feira (24) a 30ª fase da Operação Lava Jato.” A ausência da vírgula não interfere na compreensão do texto, embora vai contra aos preceitos normativos, pois se trata de um adjunto adverbial de tempo de maior corpo e está intercalado no meio da oração. Mas, como relata Luft (2004), os critérios que determinam um adjunto adverbial de maior ou menor corpo são arbitrários e não há uma definição e justificativa exata.

Essa não demarcação por vírgula seria um padrão ou um efeito estilístico adotado pelo Jornal Folha de S. Paulo? Parece haver uma tendência de quando deslocado para o início, usa-se a vírgula, já no meio da sentença a vírgula pode ser dispensada.

Marchuschi (2002) defende que o texto obedece a critérios de escrita e, para cada contexto de uso, a escrita e o discurso se apresentam de uma forma. O papel do revisor diante de um texto é observar qual o estilo daquele produto, qual a

linha de produção e a intenção com que as palavras e construções devem ser utilizadas. Em se tratando de um jornal como este, de grande relevância social, deve-se preservar o texto, pois certamente há um estilo a ser seguido pelos editores e revisores da *Folha* e, além disso, não ocasiona inteligibilidade textual.

## Notícia 10: Adjunto circunstancial de lugar



Cão de um dos empregados da Colletivo Design passa ao lado de Vanessa e sua golden Bumi

O gato Mutante, que mora no escritório da Absolute e não vê problema em subir na mesa

# Empresas liberam cães e gatos para melhorar ambiente

Funcionários podem levar animais de estimação para o trabalho, mas donos alertam contra os bichinhos que são agitados demais

DE SÃO PAULO

Antes de ligar o computador e ler e-mails, o primeiro a chegar na Absolute Comunicação, em São Paulo tem a digna tarefa de limpar e colocar para fora as caixas de areia de Mutante, 6, e Yoda, 5, no jardim do escritório.

Diferentemente de outras empresas que permitem a funcionários levar eventualmente seu pet ao trabalho, na Absolute os dois gatos persas moram na sede da empresa —e, como todo gato, são eles que mandam no território.

Lívia Pretti, 31, sócia da empresa, diz que os funcionários são orientados a beber água em garrafas, porque os gatos quebram os copos. E, por melhor que seja um candidato a uma vaga, se ele for alérgico, entre ele e os gatos, ficam os gatos.

“Às vezes eles sentam na frente da tela, em cima do teclado. Já aconteceu de deletar e-mail. Mas é gostoso, deixa o ambiente mais descontraído”, afirma Renata Arcoverde, 28, que gostou tanto da convivência com os bichos que adotou a gata Pandora.

Segundo Pretti, os animais foram trazidos para a Absolute para serem uma válvula de escape nos momentos de estresse. Hoje, eles são também uma forma de marketing —na página no Facebook da empresa, os gatos dominam.

Já na Colletivo Design, em São Paulo, a presença dos animais não foi premeditada. “Você está louca? Como traz um cachorro sem avisar a gente?”, foi o que Vanessa Queiroz, 38, ouviu quando chegou no trabalho com a golden Bumi, há oito anos.

Segundo Queiroz, a revol-

ta não durou dez minutos. Logo estavam todos brincando com a cadela, ainda filhote.

Hoje, mais quatro cachorros também passeiam pela empresa —incluindo Geni, vira-lata de um ano adotada por um sócio de Vanessa.

“Na hora do almoço eles ficam entre as mesas pedindo comida. Parece que de certa forma você está na sua casa.”

É preciso bom senso, contudo, para que a presença dos animais não atrapalhe a rotina de trabalho. Na Colletivo, quem leva o cachorro tem que limpar as fezes e a urina, além

de cuidar para que ele não fique latindo quando alguém estiver ao telefone.

Por isso, cachorros muito agitados não são bons colegas de trabalho. André Nardini, 28, resolveu levar seu bulldog francês Buda à Sherman, fábrica de filmes ópticos, em Campinas, seguindo o exemplo do chefe, que leva uma vez por mês dois cachorros de grande porte.

Ele nunca mais repetiu a experiência porque Buda não conseguia ficar parado.

Frederico Lacerda, 28, da aceleradora de start-up cario-

ca 21212, teve problema semelhante com seu border collie “O Zeca causa demais. Quando vem, corre de um lado para o outro. Eu preciso ficar de olho nele, o que atrapalha.”

Para ele, a convivência com Gorila, o pug de seu sócio, é mais harmoniosa. “Os cachorros trazem uma energia positiva, criam um espaço mais bacana para trabalhar. Isso contamina todo mundo.” (FERNANDA PERRIN)

Veja fotos dos animais que vão ao trabalho [folha.com/no1617663](http://folha.com/no1617663)

Fonte: Folha de S. Paulo (impresso)

**Recorte: “...,em São Paulo...”**

Antes de ligar o computador e ler e-mails, o primeiro a chegar na Absoluto Comunicação, em São Paulo tem a digna tarefa de limpar e colocar para fora as caixas de areia de Mutante, 6, e Yoda, 5, no jardim do escritório.

10-“Antes de ligar o computador e ler e-mails, o primeiro a chegar na Absoluto Comunicação, em São Paulo tem a digna tarefa de limpar...”;

#### **Proposta de intervenção**

Observa-se que há uma intercalação de um adjunto circunstancial de lugar, utilizado para situar o leitor sobre a localização da empresa citada. Inicialmente, foi marcado por vírgulas, mas, ao final, o redator não fez a demarcação e isso ocasionou na separação do sujeito “o primeiro a chegar...” e seu verbo e complemento “tem a digna tarefa de limpar...”.

#### **Texto revisado**

“Antes de ligar o computador e ler e-mails, o primeiro a chegar na Absoluto Comunicação, em São Paulo, tem a digna tarefa de limpar...”

## Notícia 11: Isolar nomes – construções explicativas



BRASÍLIA — O procurador-geral da República, Rodrigo Janot, pediu ao Supremo Tribunal Federal a prisão do presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), do ex-presidente da República José Sarney (PMDB-AP) e do senador Romero Jucá (PMDB-RR). A informação é de um interlocutor de ministros do STF. Renan, Sarney e Jucá foram flagrados tramando contra a Operação Lava-Jato em conversas gravadas pelo ex-presidente da Transpetro Sérgio Machado. Os pedidos de prisão já estão com o ministro Teori Zavascki, do STF, há pelo menos uma semana.

Horas depois da revelação do GLOBO, o "Bom Dia Brasil" da TV GLOBO confirmou também o pedido de prisão do presidente afastado da Câmara, Eduardo Cunha. Mas o

Fonte: Jornal O Globo (*online*)

*11-“O procurador-geral da República, Rodrigo Janot, pediu ao Supremo Tribunal Federal a prisão do presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), do ex-presidente da República José Sarney (PMDB-AP) e do senador Romero Jucá (PMDB-RR).... Os pedidos de prisão já estão com o ministro Teori Zavascki, do STF, há pelo menos uma semana.*

*“Horas depois da revelação do GLOBO, o "Bom Dia Brasil" da TV GLOBO confirmou também o pedido de prisão do presidente afastado da Câmara, Eduardo Cunha.”*

### Proposta de intervenção

Observa-se aqui o uso de vírgula para isolar os nomes após especificar a

função e o órgão ao qual pertence cada pessoa citada. Nessa matéria, o redator utilizou a demarcação em “O procurador-geral da República, Rodrigo Janot,”, “presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL),”, mas não fez uso ao citar “ex-presidente da República José Sarney (PMDB-AP) e do senador Romero Jucá (PMDB-RR).” Demarcou também, mais abaixo, “do presidente afastado da Câmara, Eduardo Cunha.”

Percebe-se que o padrão, o estilo de redação do jornal *O Globo* é demarcar a explicação. Houve um deslize ao ausentar a vírgula que explica o “ex-presidente da República”. Já em “do senador Romero Jucá (PMDB-RR).” como não houve citação do lugar, do órgão ao qual ele pertence, sendo esta uma forma adotada por diversos jornais, não há necessidade de fazer a marcação de vírgula.

Seguindo na análise, o redator escreve “o ministro Teori Zavascki, do STF,”. Por que não escrever “O ministro do STF, Teori Zavascki,” seguindo a mesma linha anteriormente utilizada? Seria uma forma de romper e diferenciar a estrutura utilizada para falar dos acusados e de quem os julga?

Neste caso, há uma intenção, um estilo adotado pelo redator e, já que não interfere na compreensão do texto, preserva-se o texto original, com a ressalva para a pontuação na construção explicativa.

#### **Texto revisado**

“O procurador-geral da República, Rodrigo Janot, pediu ao Supremo Tribunal Federal a prisão do presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), do ex-presidente da República, José Sarney (PMDB-AP), e do senador Romero

Jucá (PMDB-RR).... Os pedidos de prisão já estão com o ministro Teori Zavascki, do STF, há pelo menos uma semana.”

### Notícia 12: Isolar nome – construção explicativa;

26/05/2015 Juiz da Lava-Jato condena ex-diretor da Petrobras Nestor Cerveró a 5 anos de prisão - Jornal O Globo

globo.com g1 ge gshow famosos vídeos ENTRE

## Juiz da Lava-Jato condena ex-diretor da Petrobras Nestor Cerveró a 5 anos de prisão

Executivo usou dinheiro de propina na estatal para comprar apartamento no Rio

POR GERMANO OLIVEIRA  
26/05/2015 15:09 / ATUALIZADO 26/05/2015 16:08

SÃO PAULO - O juiz Sérgio Moro, da 13ª Vara Federal do Paraná, condenou nesta terça-feira o ex-diretor da área internacional da Petrobras, Nestor Cerveró, a cinco anos de prisão em regime inicialmente fechado além de multa de R\$ 591 mil, por lavagem de dinheiro na compra, de forma ilegal, de um apartamento de cobertura na rua Nascimento e Silva, 601, no Rio de Janeiro.

Fonte: Jornal O Globo (*online*)

12- “Juiz da Lava Jato condena ex-diretor da Petrobras Nestor Cerveró a 5 anos de prisão”;

O juiz Sérgio Moro, da 13ª Vara Federal do Paraná, condenou nesta terça-feira o ex-diretor da área internacional da Petrobras, Nestor Cerveró, a cinco anos de

*prisão...”*

### **Proposta de Intervenção**

Na manchete da matéria, há a colocação da função e do órgão ao qual pertence Nestor Cerveró. Mencionar o nome da pessoa após a explicação é um recurso adotado por diversos jornais, como elencado na notícia anterior, e por este, *O Globo*. Porém, no título da reportagem, não há vírgula para isolar o nome sobre quem se elenca a característica “ex-diretor da Petrobras”.

Ao seguir na leitura da matéria, percebe-se que o redator faz a marcação, faz o isolamento do nome após citar as características “ex-diretor da área internacional da Petrobras, Nestor Cerveró, ...”, a fim de retomar e enfatizar a quem se refere a notícia publicada.

Da forma como está no título não causa inteligibilidade, apenas chama atenção para essa ocorrência, ora o jornal pontua ora não. Não há preceitos que determinem que a escrita de uma reportagem ou de uma notícia deva estar totalmente igual, variações desse tipo são aceitáveis, já que não causam incompreensão da mensagem que está sendo transmitida. No entanto, para manter um paralelismo, o revisor pode sugerir a padronização do título com o decorrer do texto.

### **Texto revisado**

“Juiz da Lava Jato condena ex-diretor da Petrobras, Nestor Cerveró, a 5 anos de prisão”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa e da análise apreendida, percebeu-se que a junção das teorias utilizadas com os resultados obtidos tornou possível o alcance dos objetivos, bem como das respostas para as indagações levantadas no início deste trabalho.

Primeiramente, analisar construções intercaladas nos textos jornalísticos implicou adentrar no campo da pontuação, em especial sobre o uso da vírgula, a qual deve ser utilizada a partir do seu aspecto sintático e estrutural, e não somente como um critério de tom e pausa; mas, também, não se pode desconsiderar o ritmo com o qual um texto é produzido. Notou-se também que os termos intercalados se manifestaram das mais variadas formas, por exemplo, por meio de adjuntos adverbiais, adjuntos circunstanciais de tempo e lugar, palavras e locuções denotativas; enquanto as orações, quando apareciam, foram de natureza sintática das subordinadas adjetivas explicativas e também de construções explicativas.

Alguns dados analisados revelaram que um texto apresenta um estilo de pontuação que muitas vezes surge a partir das escolhas do próprio redator. Por exemplo, nas matérias da *Folha de S. Paulo*, os adjuntos circunstanciais de tempo eram pontuados quando deslocados para o início da sentença, mas, quando intercalados no meio dela, os redatores optavam por não pontuar. Tal estilo foge de certa forma do que prescrevem as gramáticas normativas. Além disso, a pontuação jornalística, a cada dia, ganha uma nova forma e influencia fortemente a escrita atual, percebeu-se que a prática da linguagem desenvolvida nos textos jornalísticos apresentou uma possível tendência estilística próprio do Jornal, o que pode ser muito positivo, pois rompe com a

fragmentação da informação a ser transmitida. Contudo, acredita-se que para estes dados, seriam necessárias mais análises.

Por outro lado, alguns dados revelaram que há intercalações mal pontuadas que prejudicaram a legibilidade do texto. O gênero jornalístico é dinâmico e seu objetivo maior é o de trazer informações claras e substanciais ao leitor, isto é, a intenção e o efeito discursivo gerado a partir das escolhas do redator ao fazer uso das intercaladas é o de aclarar as informações, delimitar o tempo e o espaço, caracterizar os personagens envolvidos, mas para isso há uma necessidade maior de revisão do texto. Houve separação de sujeito do verbo, verbo do seu complemento, além de orações adjetivas restritivas ocuparem funções de adjetivas explicativas, gerando uma confusão para quem lê a matéria.

Muitas intercalações, destacadas nos dados apresentados, revelaram que a língua é viva e essas inserções tanto na oralidade quanto na escrita são necessárias para se cumprir o desejo do falante e, neste caso, do redator do texto de conferir mais expressividade à mensagem que ele quer transmitir. Considerou-se nesta pesquisa que um termo, uma construção, uma oração intercalada toma outras formas e funções, ela expressa a polifonia que existe dentro de um discurso; são construções que revelam a voz e a intenção do autor. No caso das matérias jornalísticas, vê-se as intercaladas como algo de grande importância, os detalhes que elas apresentam são significativos para uma melhor compreensão da informação. Cumprindo funções como delimitadoras, qualificadoras, intensificadoras do discurso, por vezes ratificando e explicando uma informação anterior, tais construções devem ser utilizadas, contudo, com um olhar para

a boa pontuação, não em demasia para não gerar truncamento das informações, mas, sim, com zelo para manter a legibilidade.

As propostas de intervenção e os textos revisados foram frutos de uma análise criteriosa dos elementos não somente da superfície textual, mas, também, com o objetivo e a confiança de que o escopo do veículo seria, dessa forma, melhor atendido. Diante disso, esta pesquisa trouxe aprendizados de que o Revisor de Texto tem um papel fundamental. É preciso considerar, porém, o estilo próprio não apenas do gênero, como também do autor, que, por princípio, tem toda liberdade para construir sua mensagem. O revisor de texto, no entanto, tem o papel de intervir nessa produção, a fim de assegurar a precisão da informação e a coerência em relação ao contexto em que se insere a produção. Não cabe ao Revisor a função de apenas corrigir erros gramaticais, mas, sim, compreender e averiguar o porquê de determinadas escolhas de redação e garantir a boa transmissão da informação.

A revisão de texto crítica, abordada neste trabalho, exige que o revisor tenha consciência de que sua prática pode ser transformadora e de que também há limitações. Ele não pode se deixar contaminar pela insatisfação com o produto final, caso não esteja a seu alcance garantir o melhor resultado. Embora analisar termos intercalados e pontuação se restrinja a aspectos gramaticais, não se pode desconsiderar a subjetividade dos textos jornalísticos, pois, em se tratando desse gênero textual, a escolha por determinada pontuação não se baseia somente em instruções de manuais normativos, mas também está ligada a questões estilísticas de cada produtor. É preciso considerar as características próprias do autor, do veículo, do público-alvo além de outros fatores que deverão ser levados em conta.

## REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

\_\_\_\_\_. *Lições de Português pela análise sintática*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

BRASIL. Senado Federal. Consultoria Legislativa. *Manual de elaboração de textos / Apresentação de Dirceu Teixeira de Matos*. Brasília: Senado Federal, Consultoria Legislativa, 1999.

CARVALHO, Jailton de. *Janot pede prisão de Renan, Sarney, Jucá e Cunha ao Supremo*. **Jornal O Globo**, 7 jun. 2016, Caderno Brasil. Disponível em <[oglobo.globo.com/Brasil/janot-pe-de-prisao-de-renan-sarney-juca-cunha-ao-supremo-19454829](http://oglobo.globo.com/Brasil/janot-pe-de-prisao-de-renan-sarney-juca-cunha-ao-supremo-19454829)>. Acesso em 7 de jun. 2016.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia Científica*. 5. ed. — São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CORREIO Braziliense (S/N). *Exposição sobre Frida Kahlo chega a Brasília em abril*. **Correio Braziliense**, Brasília, 24 mar. 2016. Caderno Diversão e Arte. Disponível em <[http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/02/03/interna\\_diversao\\_arte,516451/conheca-as-obras-e-dores-de-frida-kahlo-em-exposicao-no-df-no-mes-de-a.shtml](http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/02/03/interna_diversao_arte,516451/conheca-as-obras-e-dores-de-frida-kahlo-em-exposicao-no-df-no-mes-de-a.shtml)>. Acesso em 24 de mar. 2016

CORREIO Braziliense (S/N). *#Instamotivação*. **Correio Braziliense (impresso)**. Caderno Superesporte. Brasília, 18 de abril de 2015.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DAHLET, Véronique. *As (man)obras da pontuação: a pontuação e as culturas da escrita*. São Paulo: Editora Humanitas/FFLCH e Fapesp, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59757/62866>>. Acesso em: 9 abr. de 2015.

DIÁRIO do Interior (S/N). *Casal Iporaense é preso suspeito por tráfico de drogas em Montividiu*. **O Diário de Notícias de Iporá e Goiás**, Goiás 15set. 2015. Disponível em <<http://diariodointerior.com.br>>. Acesso em 15 set. 2015.

FRAISSAT, Zanone. *Empresas liberam cães e gatos para melhorar ambiente*. **Folha de S. Paulo (impresso)**. Caderno Mercado mpme. São Paulo, 19 de abril de 2015.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A Coesão Textual*. 22. ed., 2ª impressão. São Paulo: Contexto, 2013.

LUFT, Celso Pedro, 1921 – 1995. *A vírgula: considerações sobre o seu ensino e emprego*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.

LIMA, Daniela. *Líderes do impeachment caem pouco após Dilma*. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 mar. 2016. Caderno Poder. Disponível em < [www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1774400-lideres-do-impeachment-caem-puco-apos-dilma.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1774400-lideres-do-impeachment-caem-puco-apos-dilma.shtml)>. Acesso em 24 de mai. 2016.

FOLHA de S. Paulo. Manual de Produção Folha de São Paulo. Disponível em < [www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_producao\\_l.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_l.htm)>. Acesso em 15 mai. 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, A. P. et al.(org.) *Gêneros textuais & ensino*. 2ª ed. Rio de Janeiro:Lucerna, 2003. Pág . 19 - 36.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MATAIS, F., FABRINI, F., MACEDO, F.. *Testemunha afirma que empreiteira pagou em dinheiro móveis de sítio*. **Estadão**, 8 Fev. 2016. Caderno Política. Disponível em < <http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/testemunha-afirma-que-emreiteira-pagou-em-dinheiro-moveis-de-sitio/>>. Acesso em 8 de fev.2016.

MEGALE, B., MARRA, R., FERREIRA, F., COISSI, J. *Em nova fase, Lava Jato volta a citar Dirceu e investiga desvios de R\$ 40 mil*. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 mai. 2016. Caderno Poder. Disponível em < [www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1774451-policia-federal-deflagra-30-fase-da-operacao-lava-jato.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1774451-policia-federal-deflagra-30-fase-da-operacao-lava-jato.shtml)>. Acesso em 24 de mai. 2016.

MORESI, Eduardo. *Metodologia de pesquisa*. 2003. Disponível em: <http://www.inf.ufes.br>. Acessado em: 01 de dez. 2015.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 2 ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Germano. *Juiz da Lava-Jato condena ex-diretor da Petrobras Nestor Cerveró a 5 anos de prisão*. **Jornal O Globo**, São Paulo, 26 mai. 2015. Caderno Brasil. Disponível em < <http://oglobo.globo.com/brasil/juizdalavajatocondenaexdiretordapetrobrasnestorcervero5anosdeprisao16265704>>. Acesso em 26 de mai. 2015.

PRESSE, France. *Oposição venezuelana aprovará anistia que Maduro promete bloquear*. **Correio Braziliense**, Brasília, 16 fev. 2016. Caderno Mundo. Disponível em < [http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/mundo/2016/02/16/interna\\_mundo,518](http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/mundo/2016/02/16/interna_mundo,518)>

006/oposicao-venezuelana-aprovara-anistia-que-maduro-promete-bloquear.shtml >. Acesso em 16 fev. 2016.

ROCHA, Harrison da. *Um Novo Paradigma de Revisão de Texto: Discurso, Gênero e Multimodalidade*. (Tese de Doutorado em Linguística). Brasília: UnB, 2012.

ROCHA, Lúta Lerche Vieira. *O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva*. Universidade Federal do Ceará. DELTA vol. 13. n. 1. São Paulo: Brasil, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501997000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501997000100005&script=sci_arttext)>. Acesso em 5 de mar. 2015.

\_\_\_\_\_. *Flutuação no modo de pontuar e estilos de pontuação*. Universidade Federal do Ceará. DELTA vol. 14. n. 1. São Paulo: Brasil, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501998000100001&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501998000100001&script=sci_arttext)>. Acesso em 25 de mar. 2015.

SILVA, Anderson C. *A pontuação e a constituição de sentidos: um estudo dialógico em texto midiático impresso*. Taubaté, 2009. Parte de Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade de Taubaté. Taubaté, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v11n1/v11n1a05.pdf>>. Acesso em: 5 de jun. de 2015.